

## **Era uma vez...**

**Celso Gutfreind\***

Tem uma turma que vem há séculos freqüentando o consultório do analista. Trata-se das fadas que, atraentes ou fóbicas, não vão sozinhas à consulta. E chegam com os lobos, as bruxas, os ogros e até mesmo os reis. É uma turma exigente, talvez eufórica e certamente onipotente. Seu primeiro analista foi nada menos do que Sigmund Freud. Que tentou, na relação médico-paciente, oferecer-lhes o contrário do que receberam em sua vida irreal. E propôs um tratamento de objetivos modestos, limitando-se a comentários gerais e uma abordagem quase comportamental. Freud fez algo bem atual em saúde coletiva, que é o reforço positivo, dizendo coisas do tipo: cada um de vocês é importante e simboliza a jovem humanidade e representa nossa vida arcaica, fazendo parte, enfim, dos motivos humanos. Freud foi criativo e tentou o máximo. Mas era humano, tinha limites, e o maior deles foi esbarrar na surdez. Monstro, afinal, se acha o máximo, sente-se pronto para o melhor e o pior, já não está disposto a pensar sobre si mesmo.

Freud acusou o golpe da intervenção inacabada e, outra vez com modéstia, encaminhou o grupo a um colega vienense, Bruno Bettelheim, já instalado na América.

Bruno, como todo bom discípulo, foi ambicioso. Tentou superar o mestre, imprimindo na técnica interpretações profundas e variadas. Mas seus resultados também foram ambíguos. Por um lado, aprofundou o tratamento, dobrou o número de sessões (e páginas de relato), abandonou durante um ano seus demais pacientes para se dedicar apenas aos novos. Por outro lado, quando a coisa esquentou, e a neurose de Cinderela tornou-se insuperável, e a angústia do Pequeno Polegar também, o analista interrompeu o tratamento. Apesar disso, seus sólidos argumentos expandiram as idéias precursoras de Freud. E Bruno declarou em seu relato: saudável ou não, essa galera é necessária para o amadurecimento das crianças. Com seus símbolos e suas tramas, oferecem sentido à existência. Agora sim conseguiu superar o mestre, pelo menos em termos de humildade, ao afirmar ainda: essas personagens e suas histórias são melhores terapeutas do que nós.

Talvez não o tenha dito no tempo adequado, que é no momento de uma boa aliança com o paciente. O fato é que a bruxa se angustiou novamente, Barba Azul e o lobo voltaram a delinquir, a Fada-madrinha retomou a personalidade narcisista, a Bela Adormecida voltou a ter sono pesado, Chapezinho Vermelho exagerou na crise adolescente, e dois dos três porquinhos se deprimiram outra vez. Profundamente.

Ninguém foi louco de prescrever medicação a uma turma cujos cérebros não estavam programados para a bioquímica. E, dessa forma, novos terapeutas de orientação psicanalítica abraçaram a causa, acolhendo aquele enorme sofrimento. Entre eles, destacaram-se Marie-Louise Von Franz, que prescreveu o inconsciente coletivo, Pierre Lafforgue, que indicou psicoterapia de grupo, Marie Bonnafé, que os declarou perdidos e sugeriu um tratamento preventivo para as novas gerações. Mas quem diz que a Gata Borralheira procriou? Ficaram todos fixados em suas neuroses básicas, naquela dívida de vida, descrita por Monica Bydlowski, em que o sofrimento do passado impede que o presente prepare o futuro.

Desesperados, poliqueixosos e com o estatuto de pacientes crônicos (terminais?), desembarcaram em Porto Alegre. Não foram vistos no aeroporto ou na rodoviária porque, apesar de sofridos, continuavam poderosos em seus símbolos e, por isso, capazes da invisibilidade.

Foi aí que dois psicanalistas, a Diana Lichtenstein Corso e o Mário Corso, aqui da capital, resolveram assumir o caso. Tinham cacife para isso. Diana vinha de uma longa experiência de analisar a cultura em suas manifestações mais variadas. E Mário, de um tratamento bem sucedido de nossos monstros locais. Os resultados haviam sido animadores. Bicho-do-mato, por exemplo, desde a alta, mostrava-se menos ansioso, mais apaixonado e pai de família. Bicho-papão curou-se de seu transtorno de conduta e agora trabalhava numa ONG com fins humanitários. E o Boto lavava o rosto com sabonete três vezes por dia e uma à noite.

A velha turma voltava a ter esperanças, mesmo que nem todos tivessem entendido o espírito da nova terapia. Rapunzel, por exemplo, verbalizou à Branca de Neve que a cura viria do efeito serotoninérgico de um tal de chimarrão. Mas a maioria estava a postos para a nova empreitada analítica e, antes mesmo da primeira consulta, numa espécie de transferência positiva antecipada, Cachinhos Dourados conseguia olhar sem culpa o interior do quarto de seus pais.

Coube-nos enfim este exercício de meta-análise, comentar os resultados dessa análise. Sob o risco de nos perdermos na floresta - a análise é um processo interno - vamos aos fatos.

Diana e Mário guardaram a modéstia do precursor Sigmund Freud. E se, como o mestre, ousam interpretações de peso, conseguem guardar a leveza da abertura. Isso porque, como Umberto Eco, desenvolvem as suas idéias num clima de liberdade, deixando sempre a palavra final para o leitor (paciente). Assim foi com João e Maria, Branca de Neve e, pode-se dizer, com a turma toda.

De Bruno Bettelheim, a quem criticam e exaltam num lúcido capítulo, herdaram o sentido de aprofundamento. Assim, dedicam aos principais contos de fada sessões individuais de escuta atenta em suas atenções flutuantes à cata de novos símbolos. E aqui há passagens claras, aprofundando o que Bettelheim havia conseguido tão somente nas entrelinhas. Ao mergulharem nos fantasmas do berço de cada uma das histórias, os autores apresentam uma visão contemporânea e original da própria psicanálise, vista bem mais como a co-construção de uma história entre um paciente (leitor) e um analista (co-autor) do que um espaço onde um leitor (paciente) recebe passivamente interpretações "geniais". Nesse sentido, são emblemáticas as considerações sobre Cachinhos Dourados, que encontram em autores como o já clássico W. R. Bion e o moderno A. Ferro, um eco importante. Ora, esses autores aproximam o trabalho analítico de uma construção narrativa, na qual cabe ao analista acolher o sem sentido do paciente (leitor) para, depois, juntos, darem nome aos bois (da cara preta e demais matizes).

Mas é na segunda parte do livro que os analistas conseguem ratificar suas habilidades criativas. E abrem o consultório para os novos, acolhendo personagens que o tempo ainda não legitimou, como o atrapalhado Winnie-the-Pooh ou o polêmico Harry Potter. Aqui Diana e Mário mostram a que vieram nessa vida exterior e interior. E sem preconceitos, lançam-se à quase impossível tarefa de criar sentidos no meio do vazio, terreno no qual a psicanálise imita a infância e a própria vida. Com Pinocchio e o Mágico de Oz, mostram-se mais do que competentes: certos, não no sentido de mostrar a coisa certa, mas abrir um campo que possa criar, de história em história, uma imagem possível do desenvolvimento da criança.

A uma certa altura, João (o do pé de feijão), mais do que saudável, está feliz. E os sete cabritinhos expressam uma razoável capacidade de tolerar a rivalidade fraterna. Mas

Diana e Mário, exigentes, oferecem-nos ainda a chave de ouro de um trabalho que não prescreve a alta e sim o recomeço. E num capítulo pra lá de bonito, contam uma história familiar, deles mesmos, de um casamento misto entre uma judia e um cristão; em sua trama, revelam a forma com que resolveram tal impasse (ou riqueza) na educação das filhas, já sem a dívida da vida, de Bydlowski.

Construindo a metáfora a partir de um vampiro vegetariano e dividido entre duas culturas gastronômicas, os autores oferecem uma representação deliciosa (e eficiente) para o conflito de sua própria existência no quesito transmissão transgeracional.

Não ousaríamos uma leitura linear desse capítulo, nem dos demais. Com Sigmund, Bruno, Diana e Mário, aprendemos a respeitar as infinitas possibilidades da aventura humana. Mas, entre tantas, escolhemos duas que mais ecoam em nossa própria trajetória. A primeira valoriza a intenção dos analistas de não se mostrarem nem acima nem abaixo - e muito menos fora - das histórias. Estão lá, bem dentro, junto com as crianças e os bichos, as fadas e as bruxas, humanos e imperfeitos como nós, convidando-nos simplesmente para a viagem da construção de um sentido que nos faça bem e nos ajude a tolerar o mal.

Aqui a segunda leitura. Diana e Mário nos sugerem, com sutileza e inteligência, o que Quintana já cantara em verso: fora do ritmo, não há salvação.

Sim, porque um dos pontos altos do livro é defender com densidade e poesia o sentimento e a idéia de que, fora das histórias, não existe salvação. São elas que nos constroem desde bebês; são elas que nos aliviam com suas metáforas na hora dura e crua do crescimento, entregando-nos o que precisamos pensar, mas ainda não podemos. E de nossa relação com elas dependerão nossa vida e nossa morte a vida inteira.

No final (feliz, é claro), os autores não dão alta pra ninguém. Apenas nos entregam a oportunidade de compreender a infância, confirmando o papel terapêutico de seus pacientes e seus símbolos, impregnados agora de novas possibilidades. E entre um lobo mau e alguns porquinhos cheios de dor e vontade de crescer, saímos com a sensação de que éramos uma vez para sempre.

\* Escritor e psiquiatra, autor de *O Terapeuta e o Lobo*, *Grilos*, entre outros. Professor da faculdade de medicina e do mestrado de Saúde Coletiva da Ulbra e Fundação Universitária Mário Martins.